

DESEMPENHOS ADAPTATIVOS E CULTURAIS NA CAÇA MBYA GUARANI FRENTE ÀS PRESSÕES DO CONTATO

Rúbia Carla Formighieri Giordani

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

E-mail: rubiagiordani@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5698-7981>

Ana Caroline Giordani

Programa de Pós-Graduação em Sustentabilidade Ambiental Urbana,

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil

E-mail: ana.smat.piraquara@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7201-2372>

Recebido em: 20/04/2022. Aprovado em: 09/08/2023
DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/guaju.v9i0.85697>

Resumo

A prática da caça entre os mbya guarani contemporâneos revela de maneira contundente as forças adaptativas do contato com outras culturas, e as transformações nessa atividade evidenciam uma variedade de mudanças nos laços ecológicos, incluindo fatores ambientais e territoriais. Nesse contexto, prossegue a discussão entre as variações na biodiversidade e a produção simbólica, especialmente no que tange aos interditos e ao valor gerado em torno da caça, aspectos que serão abordados ao longo deste texto. A atividade de caça está inserida em um contexto mais amplo das práticas alimentares e xamânicas, as quais sustentam as conexões entre os guaranis, seus deuses e entre os indivíduos da comunidade. O valor simbólico da carne e o sentimento provocado pela caça passam por um processo contínuo de reconfiguração, pois são influenciados pelas perturbações conectas ao espaço.

Palavras-chave: Guarani; Caça; Fauna; Território.

Adaptive and cultural performances in mbya guarani hunting facing the pressures of contact

Abstract

The practice of hunting among the contemporary Mbya Guarani vividly demonstrates the adaptive forces stemming from contact, and the transformations within this activity highlight a range of shifts in ecological relationships, encompassing environmental and territorial factors. In this context, the discussion regarding fluctuations in biodiversity and symbolic construction continues, especially in regard to the prohibitions and the value generated around hunting. These points will be worked throughout the text. The practice of hunting is situated within a broader framework that encompasses dietary and shamanic practices, which uphold the connections among the Guarani, their deities, and the community members. The symbolic value of meat and the emotions stirred by hunting undergo a continuous process of reconfiguration, as they are affected by the disturbances connected to space.

Keywords: Guarani; Hunting; Fauna; Food; Territory.

Actuaciones adaptativas y culturales en la caza mbya guarani face a las presiones de contacto

Resumen

La práctica de la caza entre los mbya guaraníes contemporáneos expresa fuertemente las fuerzas adaptativas del contacto y las transformaciones en esta actividad también demuestran varios órdenes de cambios en las conexiones ecológicas, incluyendo factores ambientales y territoriales. En este contexto, sigue el debate entre las variaciones en la biodiversidad y la producción simbólica, especialmente en lo que respecta a los interdictos y el valor generado en alrededor de la caza, puntos que se trabajan a lo largo del texto. La actividad de caza pertenece al contexto más amplio de las prácticas de alimentación y chamánicas que permean las relaciones entre los guaraníes y los dioses y también entre personas del pueblo guaraní. El valor simbólico de la carne, y el sentimiento provocado por la caza son rehechos continuamente, porque están afectados por las perturbaciones relacionadas con el espacio.

Palabras clave: Guarani; Caza; Fauna; Territorio.

Introdução

Os caçadores Mbya Guarani mais antigos, que vivem no extremo oeste do Estado do Paraná, localizado na região sul do Brasil, acompanharam as voluptuosas transformações nos últimos cinquenta anos em seus territórios originários. Eles enfrentaram a necessidade de se adaptar rapidamente aos desafios impostos à sua atividade cinegética devido aos avanços das frentes de colonização nas direções oeste, sudoeste e norte do Paraná (COLODEL, 1993; FREITAG, 2001; RIBEIRO, 2022). A expansão da sociedade nacional brasileira para o interior, em direção aos sertões e ao interior paranaense, resultou no rápido declínio das matas virgens e no desaparecimento de espécies da fauna e flora do bioma atlântico, que faziam parte da base alimentar tradicional dos Guarani (DARELLA, 2004).

Este texto remete à problemática das transformações nos padrões de caça e nas mudanças territoriais dos Mbya Guarani contemporâneos que habitam áreas indígenas no extremo oeste do sul do Brasil próximas às regiões fronteiriças do Paraguai e Argentina (GARLET, 1997; LADEIRA, 2007, 2008; QUEZADA, 2007; ASSIS; GARLET, 2004). O objetivo é compreender o impacto da devastação ambiental na vida desses povos indígenas e analisar como a degradação das florestas nativas e a perda de territórios originais na região oeste do Paraná afetou as dimensões simbólicas, rituais e de consumo de animais de caça pelos Mbya Guarani que vivem em uma Terra Indígena na região.

Dessa forma, este artigo teve por objetivo descrever o espaço social para a caça contemporânea e a percepção Mbya Guarani sobre a biodiversidade, especificamente à fauna, em seu território. O estudo se baseia em dados primários provenientes de entrevistas semiestruturadas e observação participante decorrentes de 01 (um) ano de convivência junto às famílias Mbya Guarani residentes na Terra Indígena denominada Tekoha Itamarã, no estado do Paraná. Para obter informações específicas sobre a atividade cinegética, como ciclos e períodos da atividade da caça, bem como a identificação dos animais, empregou-se um recordatório de caça preenchido por 03 (três) mulheres de caçadores moradores na área (com quem se constituiu maior vínculo nos relacionamentos no campo), além das entrevistas com o xamã da comunidade. Também foi elaborado um inventário exclusivamente baseado nas entrevistas com 04 velhos caçadores mbya moradores atuais de Itamarã e o registro de consumo de carne de caça em 25 núcleos familiares (fogos domésticos). Nesse contexto, a discussão aborda as variações na biodiversidade e a produção simbólica, especialmente no que tange aos interditos e ao valor gerado em torno da caça.

Caracterização do bioma na Aldeia Tekoha Itamarã e a perda da biodiversidade

A reserva indígena Tekoha Itamarã se localiza no oeste do Estado do Paraná, abrangendo parte do município de Diamante d'Oeste. Com uma extensão total de 2 (dois) mil hectares, a população é composta por aproximadamente 500 (quinhentos) habitantes. Essa área corresponde a uma antiga fazenda para criação de búfalos adquirida para assentamento em 1997 e situação jurídica reservada por meio do Decreto s/n - 28/07/2000 (TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL, [s.d.]).

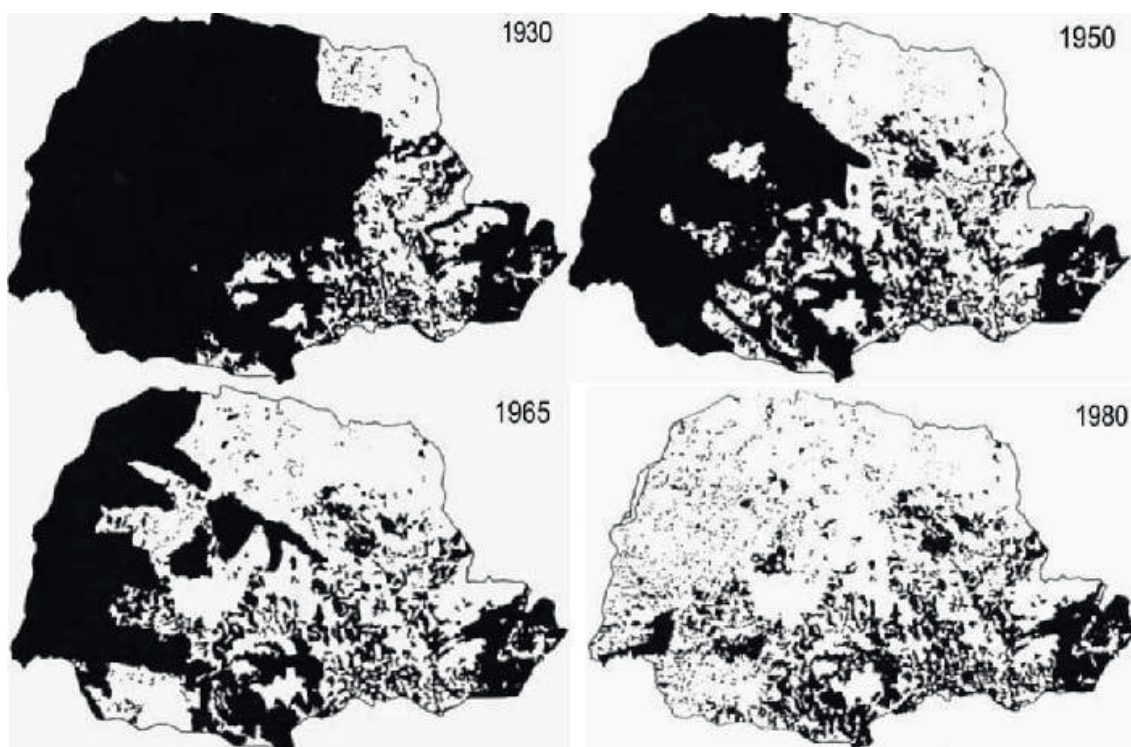
A área está inserida no bioma Mata Atlântica, o qual apresenta diversas fitofisionomias que variam pelo território paranaense, de acordo com as mudanças na geografia e no clima. No território Itamarã, encontra-se a Floresta Estacional Semidecidual (FES), também conhecida como Floresta Pluvial Subtropical ou Floresta Tropical Caducifólia. A Floresta Estacional Semidecidual reflete uma vegetação subordinada por dupla estacionalidade climática: uma tropical, com intensas chuvas de verão seguidas por uma estiagem acentuada, e outra subtropical, sem período seco, mas com seca fisiológica provocada pelo intenso frio de inverno, com médias de temperatura inferiores a 15° C).

No Paraná, a área de ocorrência natural da FES foi bastante reduzida e substituída por áreas urbanizadas, de cultivo ou para pastagens nas últimas décadas. No próprio município de Diamante d'Oeste, onde se encontra a Aldeia Itamarã restam apenas 13% do território com cobertura florestal (SOSMA, 2014). Cronologicamente, o desmatamento na Região Oeste, assim como em quase todo território do estado do Paraná, está diretamente relacionado ao ciclo madeireiro a partir da década de 40 (LEITE; CANDIOTTO, 2015), intensificando-se entre 1950 e 1970 devido a avanços logísticos como caminhões de cargas e a implementação de ferrovias. A exploração madeireira foi responsável por grande parte do desmatamento da cobertura florestal do Estado, seguida da inserção de atividades agrícolas de subsistência e, posteriormente, de uma agricultura voltada à produção de grãos, sobretudo de soja, milho e trigo. Esta expansão agrícola sobre as áreas florestais prejudicou a fertilidade dos solos da região, associada à recente colonização da porção oeste do Estado (KOZERA; PELUCI, 2015a), contribuindo para o agravamento do desmatamento e da redução da biodiversidade.

Em apenas um século (1890 a 1990), o Estado do Paraná reduziu sua cobertura florestal de 16 milhões 762 mil e 600 hectares para cerca de 872 mil e 600 hectares (GUBERT, 1998). Essa pradarização artificial da paisagem, com a redução drástica de populações naturais da fauna e da flora, teve um impacto irreversível na biodiversidade, além de representar altos

custos econômicos devido à perda de florestas naturais e de solos. Conforme se observa na figura 1, em 1930 a cobertura florestal no Estado ocupava cerca de 64,12% do território (12 milhões 902 mil ha). Em 1950, a cobertura era de 39,67% do Estado (7 milhões 983 mil 400 ha); em 1965 a cobertura era de 23,92% (4 milhões 813 mil 600 ha) e em 1980 restaram somente 11,90% (1 milhão 997 mil 100 ha) do território (GUBERT, 1998).

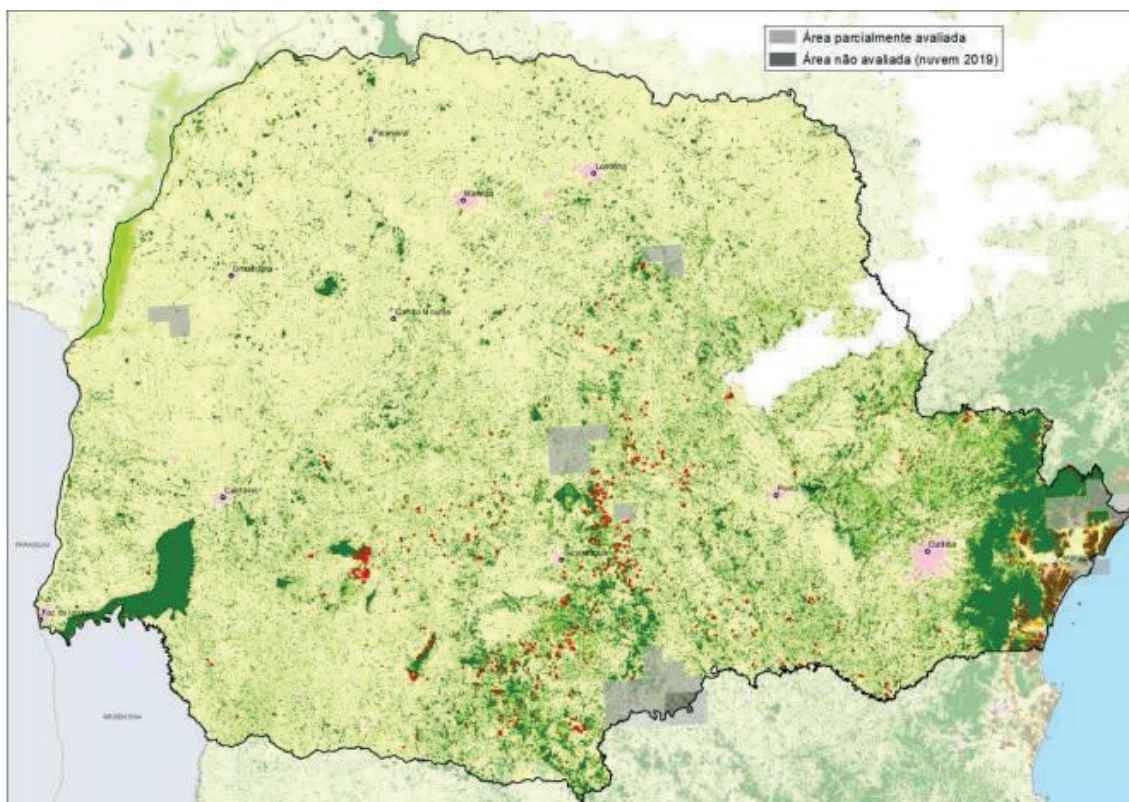
Figura 1- Evolução do desmatamento no território paranaense a partir da década de 30.



Fonte: Adaptado de Gubert (1998).

Portanto, na atualidade, os limites da Mata Atlântica são representados apenas por pequenos fragmentos de vegetação original (13,1%) no Estado do Paraná, imersos em mosaicos de agricultura (pasto, madeira, plantações) e áreas urbanas (SOSMA, 2020), conforme evidenciado na Figura 2.

Figura 2- Cobertura florestal no estado do Paraná em 2019.



FONTE: SOSMA, 2020.

A rápida devastação florestal tem impedido a efetiva sistematização do conhecimento, tanto sobre a flora quanto sobre a fauna do Estado. Estudos apontam para as lacunas existentes sobre a biodiversidade da região (ALMEIDA et al., 2016; CÁCERES et al., 2007; PEREIRA; BAZILIO, 2018). Especialmente na região sul do Brasil, percebe-se que ainda é uma região pouco estudada quanto à distribuição de sua mastofauna (CÁCERES et al., 2007).

Apesar da importância das florestas, elas continuam a ser vítimas do desmatamento, muitas vezes convertidas em áreas agrícolas ou pastagens. Esse processo tem como resultado a extinção de aproximadamente três quartos da biodiversidade dessas florestas, destacando-se que 1 a cada 10 espécies ainda não foi nem mesmo descrita (DIRZO; RAVEN, 2003).

Vale mencionar que a diversidade da flora e o tamanho dos fragmentos florestais estão diretamente relacionados à diversidade da fauna. Essa interdependência exerce um impacto considerável sobre a dispersão e diversidade da mastofauna, que é extremamente

relevante no contexto das práticas de caça guarani. Desse modo, é possível corroborar a correlação direta entre desmatamento e perda de biodiversidade com os relatos de caça guaranis que seguem (CÁCERES et al., 2007; STRAUBE et al, 2004).

Cenas contemporâneas e generalizações históricas

Quando indagados sobre quais animais são proibidos para o abate, a resposta é lacônica: “os guaranis podem caçar quase todos os animais que vivem no mato, desde que a caça seja autorizada pela divindade” assegurou o xamã. No entanto, é certo que eles não podem exprimir com precisão uma lista de animais proibidos, resultando no fato de que, em princípio, sua tolerância para o consumo da carne de caça é grande.

Na prática, devido a fatores que muitas vezes não estão alinhados com o seu sistema simbólico, as reservas são bem maiores, havendo uma variação sensível no conjunto de presas tradicionalmente caçadas em um pretérito de abundância e as possibilidades atuais. De fato, eles possuem determinadas preferências, e os grandes mamíferos (que renderiam boas quantidades de carne), como relatado durante o trabalho de campo, ocupam uma posição privilegiada entre as presas preferidas para o abate: “antigamente pegava animal grande!”, mencionou um velho caçador.

O inventário dos animais recorrentemente abatidos, considerados boas presas para o consumo humano ora proposto pelos velhos caçadores e a comparação com recordatório de caça dos jovens guaranis apresenta sugestões interessantes para análise da estimativa difundida entre os guaranis da débil presença da carne do mato em sua dieta.

Quadro 1- Comparativo entre presas tradicionalmente apreendidas pelos guaranis segundo caçadores mais velhos e recordatório de presas abatidas recentemente

Presas inventariadas	Animais citados por índios mais velhos	Animais abatidos nos últimos seis meses
Macaco (<i>Alouatta caraya</i>) (<i>Sapajus nigritus</i>)	X	X
Cotia (<i>Dasyprocta aguti</i>)	X	-
Paca (<i>Cuniculus paca</i>)	X	X
Tatu (Dasypodidae)	X	X
Veado campeiro (<i>Ozotocerus bezoar- ticus</i>)	X	X
Cateto (<i>Tayassu tajacu</i>)	X	-
Anta (<i>Tapirus terrestris</i>)	X	-
Capivara (<i>Hydrochoerus hydrochoeris</i>)	X	X
Tamanduá mirim (<i>Tamandua tetra- dactyla</i>)	X	-
Quati (<i>Nasua nasua</i>)	X	X
Jacaré de papo amarelo (<i>Caiman latirostris</i>)	X	-
Lagarto (<i>Tupinambis</i>)	-	X
Ratão-do-banhado (<i>Myocastor coypus</i>)	-	X
Gambá (<i>Didelphis albiventris</i>)	-	X
Gato do mato (<i>Leopardus tigrinus</i>)	-	X
Jabutí (<i>Chelonoidis carbonaria</i>)	X	-
Lontra (<i>Lontra longicaudis</i>)	X	-
Pomba (<i>Streptopelia e Patagioenas picazuro</i>)	-	X
Saracura (<i>Aramides Saracura</i>)	-	X
Nambu (<i>Crypturellus tataupa</i>)	X	-
Jacutinga (<i>Pipile jacutinga</i>)	X	X
Jacu (<i>Penelope obscura</i>)	X	-

Fonte: Adaptado de Giordani (2012).

Num primeiro exame, percebemos que, dentre as 16 (dezesesseis) espécies mencionadas espontaneamente pelos velhos caçadores, somente 7 (sete) dessas espécies também são identificadas como abatidas recentemente. Se há uma considerável vantagem do número de 16 espécies antigas sobre o elenco atual das 13 (treze) espécies de presas abatidas recentemente (incluindo novas espécies), esse contraste aponta uma variação razoável de animais presentes em um discurso sobre o passado e o padrão atual. Mesmo que relativizemos o discurso sobre práticas passadas com possíveis enganos involuntários ou lapsos da memória, observa-se que não reaparecem no recordatório atual 9 (nove) espécies de animais que eram caçadas frequentemente no passado. Este fato indica claramente que, em princípio, há uma deterioração da fauna regional no que diz respeito às espécies de interesse alimentar (referenciadas culturalmente) para os mbya guarani na região.

Não é surpreendente também que, entre os animais citados espontaneamente pelos caçadores em conversas que versavam sobre o assunto, não apareçam no recordatório cinegético dos jovens os grandes animais de rara ocorrência atualmente na região, como a anta e o cateto. Considerando que, como já mencionado na seção anterior, há poucos dados disponíveis sobre a fauna do estado devido ao rápido e intenso desmatamento, e que hoje a lista de espécies em extinção do estado do Paraná é desatualizada constando apenas a anta como criticamente em perigo, com risco de extinção no futuro (PARANÁ, 2010).

Da mesma forma, cabe indagar por que novas presas não são citadas pelos caçadores mais antigos, supondo que esses animais já habitavam as florestas da região antes da colonização e da acelerada depredação ambiental das últimas décadas. Afinal, se elas já estavam lá e o problema não era a escassez, por que então não eram abundantemente abatidas e cozidas nos fogos domésticos? Considerando a abundância de espécies nativas em um passado remoto que compunham o território guarani originário, em comparação com a visível degradação atual das florestas, os mbya guarani teriam se tornado menos criteriosos e relaxado o filtro simbólico para a seleção de novas espécies comestíveis?

Pequenos mamíferos ocasionalmente caçados, juntamente com novas espécies de peixes e aves de pequeno porte, amplamente abatidas teriam atraído o paladar nativo e entrado rapidamente no gosto do cardápio cotidiano guarani. Atualmente, essas espécies são preparadas de várias formas, incluindo cozidos, ensopados e caldos, acompanhados de comidas secas à base de milho e mandioca. Considerando que não há proibições simbólicas relacionadas a esses animais, pelo menos não se registrou nenhuma em Itamarã, é plausível

sugerir que, se ao menos não eram habitualmente consumidos no passado, poderiam assim tê-lo sido sem problemas. A resposta para essas inovações culinárias parece simples demais, não fosse o caso de considerarmos que o problema não se limita ao aparecimento de animais pequenos nos relatos de caça, ainda que haja interdições específicas para alguns deles, mas o fato da ausência da carne dos grandes mamíferos como a anta e os porcos do mato como relatado pelas histórias contadas por gerações.

Figura 3- Caça sendo lavada



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

Um caçador experiente e bastante qualificado no assunto reflete que talvez pequenos roedores mamíferos e répteis, embora estejam disponíveis e abundantes nas cercanias das aldeias, possam ocupar um papel secundário na hierarquia das caçadas. Essas presas não eram particularmente visadas devido ao seu tamanho reduzido ou em razão de seus hábitos noturnos, que exigiam armadilhas ao invés da caça móvel com o arco, que era mais valorizada. Embora essas presas fossem negligenciadas pelos guaranis, pequenos animais e variações de espécies de répteis, aves e pequenos peixes resistiram atuando como um dispositivo nas relações com a natureza. Por outro lado, animais como antas e porcos tenderiam a desaparecer mais rapidamente do território pela degradação ambiental, mesmo em ecossistemas mais preservados, o que levava a deslocamentos das aldeias para áreas mais distantes, algo que não é mais viável nos dias atuais. A caça dos grandes animais,

pelo que indicou o xamã local, eram fortemente ritualizadas e necessitavam da interlocução do xamã e da divisão dos pedaços de carne a partir da atuação central na casa ritual ou casa de reza, a *opy*.

Mesmo não sendo possível determinar um padrão remoto de consumo de carne de caça, considerando dados pontuais, a diversidade de carnes à mesa guarani não necessariamente decorre da escassez atual e de uma espécie de peleja inglória pela sobrevivência. Tampouco razoável seria deduzir a partir daí que a cultura guarani aja de acordo justo com a base material possível. Ainda que não possamos sugerir alterações significativas das proibições, melhor é considerar que não seriam os arranjos alimentares de outrora menos restritivos que os atuais.

A variação dos espécimes capturados para alimentação influencia o significado de abater uma boa presa, que equivaleria em boa medida a dispor de um grande animal que suprisse o desejo coletivo de comer carne (GOW, 1991) e que fosse, outrossim, adequado em dar resposta eficaz ao problema da divisão proteica. Para os velhos caçadores de Itamarã, a degradação da mata é evidente pelo sumiço de grandes animais como a anta e a onça, por exemplo. Um caçador *mbya* guarani experiente frequentemente explicava aos não indígenas que “antigamente tinha muito bichinho e era bom de caçar”. O xamã de Itamarã também lamentava que às vezes o caçador pegava somente animais pequenos e não conseguia repartir: “se ele pega só pra ele e pra família dele é pouquinha, se a caça é grande vai, vai até que alcança todo mundo”. Esse sentimento contrastava profundamente com os momentos da apreensão de um grande animal que comovia a aldeia inteira. Um dos *xamoi* (vocábulo para avô ou homem mais velho do qual descendem muitos na aldeia), que não entrava mais no mato para caçar com arco e flecha e apenas mantinha armadilhas, afirmou que se os *mbya* guarani ficavam mais tempo na mata verificando suas armadilhas é porque as grandes presas evidentemente estavam rareando.

A despeito da variação acentuada do rol de presas tradicionalmente consumidas pelos *mbya* guarani de Itamarã, destaca-se a tônica do discurso às grandes presas. Embora os pequenos sejam consumidos com gosto, em Itamarã, os guaranis elaboram valores distintos quando animais maiores são apreendidos. Neste caso, a grandeza consiste na devida justeza da empregabilidade correta por assim dizer do termo caça.

Quando questionadas nas rodas de mulheres quem eram os homens que praticavam a caça, algumas interlocutoras deixavam os caçadores menores em segundo plano. Esses caçadores não eram citados nos círculos de conversa e também não foram registrados

depoimentos afirmativos sobre o fato de que algum deles obtivera êxito com grandes presas a ponto de distribuir de forma mais abrangente a carne. Essa proposição ao menos acolhe os discursos antigos sobre as expedições, a caça ritualizada, a intermediação xamânica junto à divindade no trato da carne enquanto dádiva e a pouca atenção às atuais pequenas presas.

Quadro 2- Recordatório de caça de um jovem caçador (atividade interrompida após nascimento do filho).

Dia	Número de indivíduos	Espécie
1º dia	-	-
2º dia	02	Tatu
3º dia	-	-
4º dia	-	-
5º dia	02	Quati
6º dia	-	-
7º dia	01	Macaco
8º dia	01	Capivara
9º dia	-	-
10º dia	01	Veado

Fonte: Adaptado de Giordani (2012).

Quadro 3- Recordatório de caça de um caçador experiente

Período	Número de indivíduos	Espécie	Período	Número de indivíduos	Espécie
1º dia	03 01	Pomba Jaguatirica	21º dia	01	Ratão-do-banhado
2º dia	03	Pomba	22º dia	01	Quati
3º dia manhã tarde	01 02 01	Ratão-do-banhado Pomba Gambá	23º dia	-	-
4º dia	01	Quati	24º dia	10 kg 100	Carpa Lambari
5º dia	-	-	25º dia	01 01	Tatu Saracura
6º dia	01 100	Carpa Lambari	26º dia	01 15	Tatu Lambari
7º dia	01 01	Tatu Saracura	27º dia	26	Lambari
8º dia	01 06	Tatu peixe (espécie não identificada)	28º dia	01	Tilápia
9º dia	21	Peixe (espécie não identificada)	29º dia	01	Carpa
10º dia	58 2	Lambari Pomba	30º dia	09 20	Bagre Lambari
11º dia	3	Saracura	31º dia	01 40	Saracura Lambari
12º dia	2	Tatu	32º dia	10	Bagre
13º dia	100	Lambari	33º dia	05	Pomba
14º dia	1 20	Bagre Lambari	34º dia	23 02	Lambari Saracura
15º dia	01 02	Saracura Pomba	35º dia	02	Carpa
16º dia	-	-	36º dia	-	-
17º dia	-	-	37º dia	05	Bagre
18º dia	03	Pomba	38º dia	100	Lambari
19º dia	01	Jaguatirica	39º dia	-	-
20º dia	03	Pomba	40º dia	01 01	Veado Jaguatirica

Fonte: Adaptado de Giordani (2012).

Teria ocorrido alguma forma de flexibilização nos rituais que envolvem essa atividade? Para o xamã, a saída dos caçadores era precedida pela passagem à opy quando

se anunciava as pretensões sobre a entrada no mato ao rezador. O xamã analisava os riscos com base em suas impressões oníricas, e as orações eram dirigidas à divindade (principal) Ñanderu, solicitando que ela colocasse no caminho do caçador os animais, para que pudessem ser capturados – pressupondo aqui que a caça é compreendida dentro de um sistema de dádivas operado pela divindade. O retorno para a aldeia com o animal caçado também obedecia ao mesmo rito de passagem pela opy para formalizar as orações à Ñanderu e divisão da carne entre os núcleos.

Nota-se que a caça representa uma forma avançada para a compreensão da relação entre sistemas alimentares e a reprodução social do grupo. Na cosmovisão guarani, as divindades estão em um horizonte de relação com quem podem realizar trocas pacíficas necessárias à manutenção do socius guarani, ou para usar os termos de Pissolato (2007), fazer durar a pessoa guarani e a sua existência. O próprio verbo, jopy, frequentemente empregado nesses contextos, sugere uma certa liberdade em relação à aquisição do que está disponível ou liberado. É costume exprimirem a caça como simplesmente jopy pira'í, (pegar peixinho) ou jopy koxi (pegar cateto).

O lugar da caça na sociedade guarani

Qual a importância da caça na reprodução dessa sociedade, descrita fundamentalmente como agrária desde o clássico texto de Egon Schaden (1974) sobre “Os aspectos fundamentais da cultura guarani”? As observações e os relatos colhidos no campo dão conta, em termos desta imagem consolidada na etnologia clássica guarani, sobre a importância sociológica da agricultura (GIORDANI, 2015), bem como a família extensa como unidade econômica básica deste sistema agrário avançado. Embora haja uma inclinação agrícola entre os guaranis, sua completa manifestação é bastante variável entre as aldeias contemporâneas (PISSOLATO, 2007, LADEIRA, 2007, 2008). No entanto, essa variabilidade não deve ser interpretada simplesmente como proposta da expressão de um processo de aculturação em curso, mas sim como uma manifestação do ethos de busca e conquista diária de satisfação pessoal. Essa maneira guarani seria propícia ao abandono das formas de ocupação do tempo que exijam um grau acentuado de trabalho na atividade. Propõe, enfim, para estes comportamentos uma leitura que antes os contemple dentro de uma ética expressa pela sua “instabilidade estrutural que uma possível “desestruturação” de uma economia tradicional” (PISSOLATO, 2007, p. 71).

Por outro lado, embora a caça e a pesca contemporânea guardam uma característica essencialmente descontraída, essa atitude desembaraçada não é simplesmente porque a caça deixou há tempos de assegurar um aporte proteico mínimo na dieta. Duas impressões quase instantâneas emergem quando se consideram as condições atuais da caça entre os guaranis. De um lado, o discurso da escassez de presas e a sensação latente de que a quantidade de carne é sempre insuficiente, independente de quanto se consuma diariamente. De outro, a alegria ruidosa que a atividade cinegética ocupa entre os myá guarani contemporâneos e que suscita indícios de que, de forma alguma, se trata a caça de um tema pertencente à um passado remoto. Levando em consideração a acentuada devastação em torno das reduzidas áreas indígenas atuais no sul do Brasil, veremos, ela permanece potencialmente ativa.

Além disso, surgem questões intrigantes sobre a evidente contradição entre as reconhecidas atitudes ascetas relacionadas à valorização da dieta vegetariana (CADOGAN, 1997), retratada tanto na literatura clássica quanto reforçada na oratória dos xamãs contemporâneos, e o apetite explícito pela carne de caça que é compartilhada entre os fogos domésticos. Esse contexto de oposições também inclui as restrições ao consumo da carne e as ocasiões pessoais que permitem contorná-las, sempre a depender de uma conjunção de fatores exteriores à pessoa e sua condição para sobrepujá-los (GIORDANI, 2020).

A relevância da atividade cinegética entre os guaranis é evidente pela euforia e bem como também pelo interesse coletivo. É notável que os caçadores mais renomados desfrutam de prestígio que alcança várias aldeias, especialmente entre os poderosos xamãs. Quando em Itamarã pergunta-se a respeito do assunto, é unanimidade a referência de um velho caçador na aldeia vizinha Añetete: “se você precisa saber da caça guarani, então vai falar com o Kuaray. Ele é experiente. Vai te ajudar a entender”. Da mesma forma, ao discutir o sucesso de outro guarani reconhecido na aldeia como caçador, ouve-se comentários sobre sua formação entre os renomados caçadores de uma outra área indígena localizada no Estado do Paraná, a aldeia de Nova Laranjeiras: “lá tem mesmo caçadores, o pessoal é famoso”.

A reputação de bom caçador confere certa distinção entre os homens, mas, em contrapartida, na opinião da maioria deles, qualquer um poderia ser caçador, desde que haja interesse pessoal. Na prática, entretanto, se todos cobiçam o título, poucos se lançam vigorosamente em caçadas sistemáticas. De acordo com uma liderança, nem todos os homens em uma aldeia precisam ser caçadores porque sempre haverá quem se dedique à caça com mais afinco e repartirá a carne com outros. Há um sentimento de confiança na reciprocidade alimentar entre parentes, da qual a divisão da carne é uma expressão máxima.

Durante a pesquisa de campo, foram identificadas três pessoas que se dedicavam continuamente à caça e frequentemente distribuía de forma mais ampla pedaços de carne de grandes presas. Entretanto, entre os vários homens reconhecidos como caçadores por diversos fogos familiares, seria injusto obliterar que em Itamarã também havia outros homens que mantinham armadilhas em áreas delimitadas no mato e reconhecidas como seus espaços legítimos para caça. Asseguravam, ainda que modestamente, sobretudo ao seu núcleo familiar, a regularidade discreta no consumo de animais como roedores, certas aves e peixes.

Se vários homens afirmavam saber caçar, no entanto, havia na prática uma diferença entre possuir armadilhas distribuídas no mato que cerca a aldeia (tekoha) e o êxito em abater boas presas com certa frequência. Realmente, a grande maioria dos homens sabe fabricar uma armadilha (monde ou ñu'ã). Os mbya guarani em Itamarã, consideravam tanto o monde quanto o ñu'ã suas armadilhas autênticas para emboscar animais de diversos tamanhos e dominavam sua feitura a partir de cipós, pedaços de madeira e pedras. Assim, a espessura e peso dos materiais variavam a depender da envergadura desejada para a armadilha.

Figura 4 - Mondé



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

Figura 5 - Flecha (guyrapa)



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

Figura 6- Laço (ñu'ã)



Fonte: Arquivo pessoal das autoras (2023).

Ao contrário, reconheciam que o emprego do arco e flecha (guyrapa) também era igualmente utilizado em outras sociedades indígenas, como os kaingang. Os guaranis fabricam a flecha e o arco tracionando pedaços de madeira extraídos da árvore denominada guajuvira; já a corda é feita com fibras de palmeira disponíveis na mata adjacente. Esses instrumentos, antes de serem usados, são esfumaçados na casa de reza (opy) antes de serem utilizados pelo dono. As armas de fogo (mboka) e facão, por sua vez, eram instrumentos advindos dos não indígenas (jurua) – uma instância externa.

Os jovens são iniciados desde cedo, e a partir dos doze anos já aprendem a fazer pequenas armadilhas, normalmente nas adjacências de suas casas, sob a supervisão diária. Também é muito comum ouvir de alguém que mantém um monde em algum lugar na mata, mas que não está armado e isto significa que não faz vigilância quanto à apreensão de animais. Contudo, pode haver quem as supervise esporadicamente. Este era o caso de um velho guarani (xamoi) que mantinha um monde diariamente verificado pelo seu neto.

Homens que possuem prestígio como caçadores entram regularmente no mato para buscar bichinhos onde permanecem várias horas do dia, ausentando-se de outras atividades no tekoha. Devido a seu envolvimento na caça e ao menor tempo disponível para trabalhar em suas plantações, esses caçadores geralmente não frequentam a escola, como é o caso de dois caçadores reconhecidos.

Em Itamarã, a agricultura desempenha um papel preponderante e determina tipos de organização social do tempo e suas complexas redes de colaboração, representando no fim custosas horas de trabalho. Não surpreende, portanto, que os três jovens despendendo energia para incursões diárias na mata que duravam em média três a quatro horas, possuíssem roças individuais bem menos produtivas que outros mbya guarani.

Depreendeu-se pela observação que os bons caçadores asseguravam um padrão na quantidade de presas e uma regularidade na provisão de carne. Mantinham diversas armadilhas de tamanhos variados, destacando-se especialmente os grandes monde e ñu'ã capazes de capturar animais maiores. Conheciam e dominavam outras técnicas de abate de animais e empregavam frequentemente a espingarda e o arco e flecha para a caça. Assim conjugavam diferentes procedimentos, capazes de capturar pequenas e grandes presas além de se manterem vigilantes aos intervalos de tempo para verificação em suas armadilhas. Algumas vezes, retornavam inclusive uma segunda vez no mato em um mesmo dia.

O tamanho das presas abatidas pode representar o diferencial simbólico que confere maior prestígio para aqueles que são reconhecidos como exímios caçadores. A observação da rotina de caça durante o campo demonstrou que eles mantinham não só uma regularidade na captura de animais, mas também eventualmente abatiam presas com massa corpórea suficiente para repartir pequenos pedaços de carne entre várias famílias. Em contraste, quando pequenos animais eram capturados, em armadilhas ou com espingarda, e levados sem constrangimento para os quintais dos seus caçadores para serem consumidos exclusivamente em torno daquele fogo doméstico em que seria cozido.

Entretanto, presas que rendem maiores quantidades de carne não podem simplesmente serem consumidas exclusivamente pela família do caçador. Parece haver uma convicção de que sua indelével presença necessita dissipar-se através da circulação dos pedaços de carne entre o conjunto de iguais familiares. Como bem sublinhou Hugh-Jones a respeito da necessidade de dessemelhar-se dos predadores solitários: “Os humanos submetem sua alimentação ao controle intelectual coletivo, enquanto que as onças caçam isoladas e são egoístas o suficiente para comer carne crua sozinhas em seu canto” (HUGH-JONES, 1996, p. 11, tradução nossa¹). Os guaranis, como a maioria das sociedades ameríndias, discriminam esta atitude como sinônimo não só de avareza, mas sobretudo como atitude ignóbil antissocial característica de não-humanos.

A abominação de uma atitude mesquinha quando se trata de comida é um valor cardinal nas operações cinegéticas. A recorrência à figura do jaguar enquanto predador solitário e egoísta e a adoção desta postura pelo caçador é a contrarreferência do comportamento culinário e das regras próprias à humanidade guarani; ela representa a antítese dos valores essenciais que regem as relações entre os humanos, a divindade e os animais.

Se há um circuito ritual que o caçador e a presa deveriam percorrer, desde a opy até a mata e de volta à opy, como afirmou o xamã, é porque se trata de um pedido à divindade para a obtenção da caça e após a obtenção, o agradecimento. Essa operação é referida como passo cardinal à concessão da boa presa. E o que é uma boa presa para os mbya guarani? Dentre outras coisas, são aquelas capazes de gerar muitos pedaços de carne, o suficiente para alcançar todo o grupo de parentes com os quais se convive.

1 Tradução livre de: Les humains soumettent leur ingestion de nourriture à un contrôle intellectuel collectif, tandis que les jaguars chassent isolément et se montrent assez égoïstes pour manger de la viande crue tout seul dans leur coin (HUGH-JONES, 1996, p. 11).

Figura 7– Distribuição de pedaços de carne de caça entre familiares do caçador



Fonte: Arquivos pessoais das autoras (2023).

Em termos dietéticos, os dados concretos inventariados sobre as preparações diárias indicam a presença de carne de caça de maneira regular apenas na dieta de alguns núcleos familiares específicos. Mesmo não utilizando métodos que autorizam aferir em termos quantitativos o per capita de consumo, a observação sistemática da ingestão alimentar triangulada com os recordatórios de caça e aliados à observação sistemática da distribuição dos pedaços de carne permite indiretamente indicar que pessoas de alguns fogos domésticos consumiam ao menos duas vezes por semana carne proveniente de caça. Em outras palavras, do ponto de vista qualitativo para a contribuição energética total da dieta, a participação das proteínas de carne de caça alcançava à época da pesquisa 32% dos fogos domésticos em Itamarã.

Quadro 4 - Relação entre a atividade da caça e consumo de fonte protéica oriunda de carne de caça em itamarã (Considerado como regular, o consumo mínimo de duas vezes por semana no fogo doméstico da casa).

Casal principal responsável pelo fogo doméstico/casa	Homens da casa que possuem armadilhas	Abateu nos últimos três meses animal com massa corpórea superior a 30 quilos	Presença regular de fonte protéica (caça) na dieta da casa*
Fogo 1	03	-	Sim
Fogo 2	01	-	Sim
Fogo 3	01	Sim	Sim
Fogo 4	01	-	-
Fogo 5	02	-	Sim
Fogo 6	01	Sim	Sim
Fogo 7	-	-	-
Fogo 8	01	-	-
Fogo 9	01	-	-
Fogo 10	01	Sim	Sim
Fogo 11	-	-	-
Fogo 12	-	-	-
Fogo 13	-	-	-
Fogo 14	01	-	-
Fogo 15	-	-	Sim
Fogo 16	01	-	-
Fogo 17	-	-	-
Fogo 18	01	-	-
Fogo 19	-	-	-
Fogo 20	01	-	-
Fogo 21	01	-	-
Fogo 22	-	-	-
Fogo 23	-	-	-
Fogo 24	01	-	Sim
Fogo 25	-	-	-

Fonte: Adaptado de Giordani (2012).

Nota-se que a circulação da carne está acentuadamente marcada nos fogos domésticos daqueles marcadamente identificados três caçadores, seus sogros e pai. O professor guarani, que exerce forte liderança política em Itamarã, embora não seja um caçador, recebia frequentemente carne como presente em sua residência. Isso provavelmente resultava da soma de carne redistribuída de forma mais ampla por outros caçadores quando abatiam animais maiores, bem como de caçadores eventuais. Isso ficou evidente nos momentos em que capivaras e veados eram abatidos. Também pedaços de carne eram igualmente oferecidos por outros homens que caçavam esporadicamente, mas que estavam ligados ao professor, como nos casos dos seu genro e cunhado, além de pessoas que desejavam reforçar laços de aliança política.

Por outro lado, escaparam dados de consumo per capita em decorrência da enorme dificuldade de registrar este nível específico da ingestão. Os grupos em torno de um fogo doméstico sofrem variações no decorrer do dia e indivíduos podem deslocar-se constantemente entre casas de parentes com quem costumam compartilhar tarefas e comer juntos. Isto significa que, por exemplo, ao tomarmos o fogo doméstico de um xamoi, supomos que outros núcleos familiares formados por filhos e netos que comumente trabalhavam e contribuía em esta unidade econômica (denominada *kuéri*), participavam diretamente da roda de sociabilidade ligada ao consumo alimentar.

Se a participação do aporte proteico proveniente da caça na dieta cotidiana resta insuficiente, atualmente outras possibilidades para o consumo de carne derivam das relações com os brancos e do acesso direto ao dinheiro (PISSOLATO, 2016). Dado que praticamente todos os núcleos familiares na época acessavam programas de transferência de renda do governo federal, boa parte dos recursos monetários eram gastos na compra de alguma quantidade de carne nos mercados que os *mbya guarani* costumavam frequentar mensalmente.

Em geral, são os homens que se encarregam das conversas e dos usos do dinheiro durante as negociações nas instâncias exteriores, mas em Itamarã, os passeios na cidade para comprar alimentos normalmente envolviam a participação de mulheres e crianças. Na escolha do tipo e dos pedaços de carne, por exemplo, as mulheres desempenhavam um papel preponderante, uma vez que o domínio da culinária estava majoritariamente sob sua responsabilidade (GIORDANI, 2016a).

Todas as famílias criavam também animais domésticos, como galinhas e patos, com objetivo alimentar. Geralmente, as mulheres cuidavam da alimentação e dos cuidados

diários dos animais, além de tomarem decisões sobre quando abatê-los (GIORDANI, 2016b). Se a caça enquanto atividade humana originária para aquisição proteica cedeu parcialmente lugar a outras formas alimentares da carne, permanece, entretanto, a caça delegada eminentemente aos homens.

McCallum (1996, 1998) da mesma forma demonstrou como para os kaxinawá, a capacidade social para lidar com o exterior é de forma muito justa uma faculdade masculina [male agency]. Algo semelhante se observa em Itamarã, pois são os homens os caçadores, os negociantes que vão às cidades falar com os brancos, os guerreiros. A capacidade das mulheres associa-se de outro lado ao interior da vida na aldeia, à produção dos indivíduos e do parentesco, aos espaços domésticos e à interioridade (GIORDANI, 2016a).

Entre os guaranis, parece haver uma conexão dos homens à exterioridade mesmo que consideremos as formas contemporâneas da vida social incorporando transformações na divisão do tempo para os afazeres domésticos. Observou-se, por exemplo, uma flexibilidade entre a divisão de tarefas nos roçados, e os homens podendo assumir tarefas preferencialmente operadas pelas mulheres, como a semeadura. No que concerne à caça, as mulheres podiam fazer pequenas armadilhas próximas a casa, como assegurou a mulher de um caçador, entretanto, não se presenciou casos de mulheres caçadoras utilizando espingarda ou arco e flecha por exemplo.

Por outro lado, há uma inelutável conexão do feminino com o interior e a cozinha e afirmavam que a culinária era uma capacidade feminina (GIORDANI, 2016a). Quando questionadas sobre a possibilidade das mulheres caçarem, as respostas variavam, desde negativas contundentes afirmando que era domínio masculino, até opiniões mais permissivas que asseguravam às mulheres fazerem pequenas armadilhas desde que próximas às casas. A justificativa frequentemente usada para que fosse desempenhada pelos homens era do perigo (não especificado) e que precisava ter força física (poaka).

Considerações Finais

Analisando o impacto da perda de florestas nativas e territórios originários dos povos indígenas ocorrida na região oeste do Paraná, este artigo procurou descrever o espaço social para a caça contemporânea e a percepção mbya guarani sobre a biodiversidade em seu território. Os mbya contemporâneos que residem em Itamarã percebem claramente a diminuição de espécies animais na região, sobretudo de grandes mamíferos e o conseqüente

empobrecimento do seu repertório de caça. Alguns animais, como a anta (*Tapirus terrestris*), algumas espécies de tamanduá (*Myrmecophaga* spp.) e a onça pintada (*Panthera onca*) são sequer conhecidos pelas novas gerações. Foram identificados também novidades em termos de espécies no cardápio, como pequenas aves, peixes e roedores. Depreende-se que a devastação ambiental acelerada e contínua afetou as dimensões simbólicas, rituais e de consumo de animais de caça pelos mbya de Itamarã.

De todo modo, nota-se que à maneira de outros povos ameríndios, não exatamente o estatuto da caça guarani resta encapsulado sob a égide do suprimento das necessidades proteicas. A caça mbya implica igualmente na efetivação de relações sociais necessárias à reprodução social e cosmológica do grupo. Para os guaranis estas relações envolvem a pessoas, deuses e animais idealmente através dos modos de uma relação pacífica. A caça se inscreve no modelo da dádiva divina segundo refere o discurso ouvido em Itamarã de autorização e/ou intermediação divina para pegar - jopy, os animais tendo o equilíbrio relacional e o respeito à floresta observados.

A atividade cinegética apresenta vários convenientes que se destacam da base material proporcionada pelo meio. Nota-se no grupo mbya guarani em Itamarã, à maneira como propôs Garine (2006), que em uma sociedade agricultora, a caça em princípio pode desempenhar um papel secundário do ponto de vista da subsistência, mas se articular poderosamente ao plano simbólico.

Para os grupos mbya contemporâneos que vivem nas regiões oeste do Paraná, se o padrão da caça se alterou nas últimas décadas a ponto de enfraquecer sua participação proteica no regime alimentar, a despeito do rareamento desta iguaria culinária, os guaranis não se tornaram pusilânimes diante da exiguidade florestal.

Também porque está noutro plano simbólico, que não aquele situado no domínio do trabalho, a caça da mesma forma como considerou Chaumeil (1983) a respeito dos yáguá, responde pela troca com o exterior, animais e espíritos. Entre os guaranis, a caça fala de um conjunto de relações entre pessoas e deuses manifestando formas puras de dádiva. De todo modo, os mbya guarani pretendem sempre uma relação que perpassa trocas com o divino e a caça não permite falar de relações caracterizadas apenas pela apreensão simples e descompromissada de animais. A atividade cinegética, azado predicativo na reprodução social do grupo, é o indelével remanescente de tempos imemoriais, mas agora atravessada pelas transformações impostas pela modernidade advinda dos brancos e a devastação ambiental. Resta ainda com os convenientes simbólicos que se destacam da base material proporcionada pelo meio.

As análises dos padrões de caça atuais não devem se esquivar do fato de que o número de animais caçados atualmente não corresponde em termos totais de massa corpórea à quantidade de carne possível através de um único animal abatido noutro momento da história da caça do grupo. Cita-se o exemplo de um grande animal como a anta, maior mamífero brasileiro que poderia chegar a duzentos quilos, e que teve a população diminuída vertiginosamente nas últimas décadas, sobretudo após a colonização da região que foi acompanhada pela extração da madeira e perda da floresta nativa. Este animal é lembrado consensualmente pelos velhos caçadores, como uma das presas preferidas para uma boa caça há cerca de sessenta anos na região.

As novas configurações sociais engendradas pela presença dos não indígenas em seu território através da escola bilíngue, bem como a divisão do tempo que permita atender aos novos eventos decorrentes desta proximidade como fazer documentos, ir ao banco e comprar comida em mercados, lidar com o dinheiro e outros eventos na cidade, implica transformações acentuadas na dinâmica das atividades tradicionais (PISSOLATO, 2007, 2016).

A atividade de caça pertence ao contexto mais amplo das práticas alimentares e xamânicas investidas cotidianamente pelas relações dádivas entre pessoas guarani e deuses e entre homens/mulheres e homens/mulheres. O campo sugeriu certos aspectos relativos à caça guarani entremeados à problemática generalizada de outros grupamentos indígenas no Brasil que é a relação direta entre território e a segurança alimentar.

A carne do “bichinho do mato”, como os mbya guarani frequentemente referiam suas presas, parece genericamente faltar e são frequentes comentários diante da ausência da carne circulando nos fogos como “agora não tem mais bichinho pra caçar” ou “nem sempre a armadilha pega bichinho, e às vezes (o caçador) volta sem”.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.; VENDRUSCOLO, G. S.; ADAMI, S. F.; DUARTE, C. F.; FERREIRA, L. D. Florística em fragmento florestal de Floresta Estacional Semidecidual, na Microrregião de Foz do Iguaçu, Paraná. *ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA*, 5., 2016, Foz do Iguaçu. **Anais** [...] Foz do Iguaçu: UNILA, 2016. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/1371;jsessionid=537C2F0CD1437FF1E3DB583B09DBCD49> Acessado em: 02 ago. 2023.

ASSIS, V. S.; GARLET, I. J. Análise sobre as populações Guarani contemporâneas: demografia, espacialidade e questões fundiárias. **Revista de Índias**, v.64, p. 35-54, 2004. Disponível em: <https://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/view/409/477> Acessado em: 02 ago. 2023.

CÁCERES, N. C.; CHEREM, J. J.; GRAIPEL, M. E. Distribuição geográfica de mamíferos terrestres no sul do Brasil. **Ciência e ambiente**, 35, 167-180, 2007.

- CADOGAN, L. **Ayvu rapyta: textos míticos de los Mbya Guarani del Guairá**. Assunción: Fundación Leon Gadogan, 1997.
- CHAUMEIL, J. P. **Voir, savoir, pouvoir: le chamanisme chez les Yagua du Nord-est péruvien**. Paris: EHESS, 1983.
- COLODEL, J. A. **Matelândia: História e contexto**. Cascavel: Assoeste, 1993
- DARELLA, M. D. P. **Ore ropoitayvporã: nós queremos terra boa**. Territorialização guarani no litoral de Santa Catarina. São Paulo: PUC, 2004. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- DIRZO, R.; RAVEN P.H. Global state of biodiversity and loss. **Annual Review of Environment and Resources**, v. 28, 137-67, 2003.
- FREITAG, L. C. **Fronteiras perigosas: migração e brasilidade no extremo oeste paranaense (1937-1954)**. Cascavel: Edunioeste, 2001.
- GARINE, E. Petits et gros gibier des agriculteurs Duupa (Nord du Cameroun), In: SIDERA, I. La chasse. **Pratiques sociales et symboliques**. Paris: De Boccard, 2006.
- GARLET, I. **Mobilidade mbya: história e significação**. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- GIORDANI, R. C. F. Food production or cultivation of life? Remarks on the Guarani action and contemplation in their growing crops. **Demetra**, v. 10, n. 3, 637-648, 2015.
<http://dx.doi.org/10.12957/demetra.2015.16059>
- GIORDANI, R. C. F. Mulheres e água, homens e fogo. Gênero e transformação na cozinha guarani. **Sociedade e Cultura**, v. 18, n. 1, 91-100, 2016a. <https://doi.org/10.5216/sec.v18i1.40606>
- GIORDANI, R. C. F. Un ajuste de diferencias o sobre una dietética nativa Guaraní. In: BEZERRA, I.; PEREZ-CASSARINO, J. (Orgs.). Soberania Alimentar (SOBAL) e Segurança Alimentar e Nutricional (SAN) na América Latina e Caribe (1ed., pp. 135-152). Curitiba: Editora UFPR, 2016b.
- GIORDANI, R. C. F. O tempo do cuidado no ciclo da vida: construção e continuidade do corpo guarani. In: VARGAS, E. P.; MOÁS, L. C.; FERREIRA, F.R; PRADO, S. D. (Org.). **Corpos plurais: Gênero, reprodução e comensalidades**. 1ed. Salvador: Editora UFBA, 2020. p. 127-148.
- GOW, P. **Of mixed blood: kinship and history in peruvian amazonian**. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- GUBERT FILHO, F. A. O desflorestamento do Paraná em um século. In: INSTITUTO ÁGUA E TERRA. **Reforma Agrária e meio ambiente**. Curitiba: ITCG, 1998. p. 15-25.
- HUGH-JONES, S. Bonnes raisons ou mauvaises conscience? De l'ambivalence de certains amazonians envers la consommation de viande. **Terrain**, v. 26, p. 123-148, 1996.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Mapa de uso e cobertura do solo do Brasil, 2010**. Disponível em: ftp://geofp.ibge.gov.br/mapas_tematicos/mapas_murais/shapes/uso_da_terra_2010/
- LEITE, M. DA C.; CANDIOTTO, L. Z. P. Elementos do Processo de Desflorestamento na Região Sudoeste do Paraná. **Geografia** (Londrina), n. 24, v. 2, 41-58, 2015.
- KOZERA, C., PELUCI, J. A floresta do oeste do Paraná. In: CORTEZ, V. G.; GONÇALVES, R. B. (Org.). **Guia da biodiversidade de Palotina**. Palotina: UFPR, 2015. p. 7-18.
- LADEIRA, M. I. **O caminhar sob a luz**. O território Mbya Guarani e a beira do oceano. São Paulo: Editora da Unesp, 2007.
- LADEIRA, M. I. **Espaço geográfico Guarani-Mbya: significado, constituição e uso**. São Paulo: Editora da Unesp, 2008.
- MCCALLUM, C. Morte e pessoa entre os kaxinawá. **Mana**, n. 2, v. 2, 49-84, 1996.
- MCCALLUM, C. Alteridade e sociabilidade kaxinawá. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 13, v. 38, p. 127-136, 1998.

PARANÁ. 2010. **Decreto Estadual nº 7.264 de 01 de junho de 2010**. Reconhece e atualiza Lista de Espécies de Mamíferos pertencentes à Fauna Silvestre Ameaçadas de Extinção no Estado do Paraná e dá outras providências, atendendo o Decreto nº 3.148, de 2004. Curitiba, 2010. Disponível em: <https://www.legislacao.pr.gov.br/legislacao/pesquisarAto.do?action=exibir&codAto=56582&indice=1&totalRegistros=15> Acesso em: 12 jun. 2023.

PISSOLATO, E. **A duração da pessoa**. SP: Unesp, 2007.

PISSOLATO, E. Trabalho, subsistência e dinheiro: modos criativos na economia mbya (guarani) contemporânea. **Horizontes Antropológicos**, n. 22, v. 45, p. 105-125, 2016. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832016000100005>

QUEZADA, S. E. C. **A terra de Nhanderu**. Organização sociopolítica e processos de ocupação territorial dos Mbya Guaraníem Santa Catarina, BR. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

RIBEIRO, S. I. G. T. **O horizonte é a terra**. Porto Alegre: UFRGS, 2002. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. SP: Edusp, 1974.

SOSMA. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica período 2018-2019**. 2020. Disponível em: <http://mapas.sosma.org.br/>

SOSMA. **Atlas dos municípios da Mata Atlântica ano base 2013**. 2014. Disponível em: http://mapas.sosma.org.br/site_media/download/estatisticas/Atlas_municipios2014_anobase2013.pdf

STRAUBE, F. C.; URBAN-FILHO, A.; CÂNDIDO-JUNIOR, J. F. Novas informações sobre a avifauna do Parque Nacional do Iguaçu (Paraná). **Atualidades ornitológicas**. n. 120, p. 10-28, 2004.

TERRAS INDÍGENAS NO BRASIL. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/> Acesso em: 30 de maio 2023.